

## FATOS E BOATOS NO MERCADO DE AÇÕES: PRÁTICAS PARTICULARES, TEXTOS E DISCURSOS, DA SIMULAÇÃO

Emiliane Moraes SILVA<sup>97</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é traçar os percursos motivados, modos e organizações linguístico-discursivas que sustentam o boato: fenômeno sociolinguístico do capitalismo da especulação. O foco é "Minoritário", notícia de "O Estadão" que, impactando a BMeFBovespa, em Maio de 2012, causou alterações dos valores de títulos, correria e alarde entre investidores e intervenção da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). O boato e sua estrutura são analisados a partir da Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough e da Gramática Hallidayana. Os resultados incluem: a discriminação de estratégias de ocultação de fontes jornalísticas e percepções sobre hierarquias do capitalismo da especulação.

**Palavras-chave:** Mídia-informativa. Mercado-financeiro. Encobrimento. Boato. Texto. Discurso.

**Abstract:** *The objective of paper is to trace the motivated steps, modes, and linguistic-discursive organizations supporting a sociolinguistic phenomenon common in speculative capitalism: the rumor. The focus is "Minoritário," a text of "O Estadão" which had impact on BMeFBovespa in May of 2012. This notice caused changes in equity indices, panic among investors, and an intervention of the CVM (Comissão de Valores Mobiliários). The rumor and its structure is analyzed as per Norman Fairclough's proposal, the Critical Discourse Analysis and the Grammar of Halliday. The results include: discrimination strategies for concealment of journalistic sources and understandings of speculation capitalist hierarchies.*

**Keywords:** *Informative-media. Financial market. Masking. Rumor. Text. Speech.*

---

<sup>97</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG); Professora de Português Instrumental da Fundação Comunitária de Ensino Superior de Itabira (FUNCESI); Endereço eletrônico: emilianesilva@funcesi.com.br

## **Boatos: versões não-autorizadas da notícia**

Em seus estudos sobre blefes, Iasbeck (2000) afirma que fenômenos como boatos, especulações, rumores e falatórios se tratam de manifestações de linguagem sociais não-autorizadas. Consideradas sedutoras e lascivas, essas informações atingem a coletividade como notícia dita subversiva, verossimilhante, que parodia, deturpa ou desconstrói valores, representações, episódios ou, até mesmo, identidades.

Boatos mantêm o interesse e a motivação de seus interlocutores, enquanto não há dados, fatos ou evidências capazes de questionar e declinar o seu teor informativo. Quando isso acontece, a revelação do mistério ou o reconhecimento de uma versão oficial acerca de um episódio esperado ou acontecido, o evento-blefe perde o poder e, conseqüentemente, o encantamento (IASBECK, 2000).

Percebendo os boatos como fenômenos linguísticos, Iasbeck (2000, p.11) os define como “ondas noticiosas disformes que circulam, ao sabor das contribuições coletivas, segundo uma ética bem definida e uma estética bastante esgarçada, capaz de conter uma variada gama de produtores/fruidores.”

Esse professor da PUC-SP explica que a metáfora das “ondas” nos leva à percepção, ou estudo, das “ressonâncias”. Nessa figuração, valida-se a ideia da propulsão, do impulso, que, após viabilizar o ponto máximo, o auge de projeção de um determinado objeto (assunto), perde potência, força e enfraquece.

A partir dos trabalhos de Zumthor (1993) sobre oralidade, Iasbeck (2000) aponta que a investigação de boatos deve considerar: o nível de projeção desse; o número de pessoas interpeladas pela informação falsa, o desalojamento de expectativas, o qual diz respeito à previsibilidade ou não das relações formais entre o fluxo rotineiro da comunicação, a percibibilidade da informação e, ainda, a imprecisão dos fatos e dos elementos que o compõem.

Condizente à elaboração e aceitação do blefe, Iasbeck (2000, p.16) explica que “não há boato sem motivação, ou seja, sem algum fundamento”. Dessa maneira, entendemos que para a legitimação de um relato burlesco, o contexto, as ações, as representações, os sujeitos envolvidos nos eventos discriminados e na informação prestada devem ser passíveis de reconhecimento ou solidariedade (aceitação) por parte da instância receptora do discurso.

A partir dos estudos de Kapferer (1988), o professor da PUC-SP faz, ainda, outras considerações sobre os rumores sociais. Entre elas, o fato de que a notícia dita verdadeira é o objeto detentor da origem de um boato. Para esse semioticista, na imprensa, a especulação

apresenta caráter sensacionalista e, normalmente, impacta, agita e cria expectativas de forma bem mais intensa que a própria informação dita autêntica e embasada.

Iasbeck (2000, p.15) explica que

a melhor notícia é, portanto, o inesperado, o que transgride a ordem natural das coisas. Isso explica o caráter sensacionalista da imprensa de modo geral e atribui à vocação pela surpresa, a responsabilidade pelo alto teor dramático das notícias que ganham manchetes nos jornais.

Assim, o rumor pode ser considerado como fator de coesão social, na medida em que é comungado por um grupo, ganha notoriedade, frequenta as rodas de conversa, torna-se o assunto principal e provoca críticas e posicionamentos dos diferentes atores que compõem a comunidade de interlocutores onde a falsa informação é propagada ou discutida.

É através da repetição que a o relato burlesco se confirma, ganha notoriedade e maior poder de convencimento. Referente ao caso explorado nesse artigo, a especulação divulgada pela versão on-line de “O Estadão”, a nota “Minoritário” de 23/05/2012, fazia cogitações sobre a venda do banco Santander Brasil para a sociedade de economia mista Banco do Brasil (BB).

A informação foi compartilhada por “internautas” e divulgada também por outros veículos, periódicos e sítios da “internet” especializados em economia. Houve, ainda, comentários e críticas expostos em “blogs”, como o do ex-sindicalista Gilmar Carneiro, e discussões abertas em fóruns, como o da revista “Infomoney”.

Nessas rodas de conversa “on-line”, a suposta proposta de venda ou aquisição de valores ganhou relevância e seduziu curiosos e investidores que, impulsionados pela verossimilhança da notícia, arriscaram o capital e movimentaram seus títulos e recursos na expectativa da finalização da negociação comercial.

A publicação assinada por Sônia Racy impactou a BMeFBovespa (Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo) de forma tão significativa que a CVM (Comissão de Valores Mobiliários), autarquia reguladora do governo federal, interveio através de ofício de solicitação de esclarecimento destinado às instituições financeiras que protagonizaram o episódio.

O “estouro” do boato ou o declínio do teor da notícia do periódico paulista ocorreu após a publicação da comunicação ao mercado “Ofício/CVM/SEP/GEA-1/443”, em 24/05/2012. Nesse, o BB nega qualquer interesse em adquirir a instituição de origem espanhola.

Nessa proposição, esse episódio será analisado a partir da ACD (Análise Crítica do Discurso) de Fairclough (1992, 2003) e das categorias de transitividade para o estudo da

semântica do registro da Gramática Sistemico-Funcional (GSF) de Halliday e Matthiessen (2004).

Nesse intuito, daremos destaque às configurações linguísticas, as redes de relações internas, às sentenças complexas, ao contexto e principalmente às fontes consultadas pela colunista Racy para a sustentação de “Minoritário”.

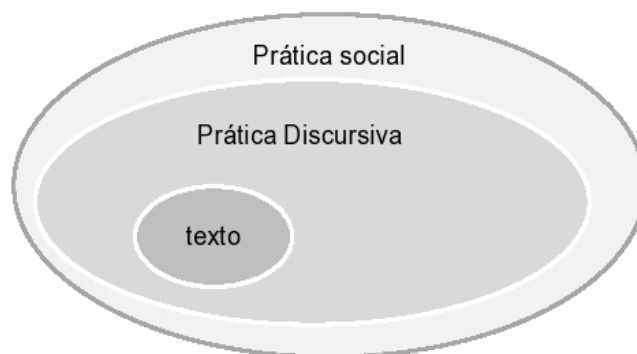
Entendemos que a configuração linguístico-discursiva das declarações e o acobertamento dessas fontes, a partir de processos de escolhas realizacionais para a impersonalização, constituem o evento discursivo em análise. Essa, por sua vez, apontará para facetas mínimas sustentadoras de interesses e de instituições no mercado financeiro do séc.XXI.

### **Texto, prática discursiva e prática social**

A ACD (Análise Crítica do Discurso) desenvolvida por Fairclough propõe que cada evento discursivo, comunicações protagonizadas pelos falantes, seja analisado sob três ângulos ou dimensões que se completam: *texto*, *prática discursiva* e *prática social*.

Tal modelo propicia ao investigador, no momento da análise, o contato com a descrição, interpretação e explicação do evento selecionado. Conforme mostra a Figura 1, a *prática discursiva* (produzir, distribuir e consumir textos) é uma forma de *prática social*, mas nem toda *prática social* (algo que as pessoas fazem) é uma *prática discursiva*.

**Figura 1:** Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (1992, p.101)

A análise do evento discursivo como *texto* privilegia a descrição dos elementos linguísticos, incluindo o léxico, as opções gramaticais, coesão e outras estruturas. Nessa perspectiva, a *prática discursiva* propiciaria a identificação e análise de processos sociocognitivos relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nas diferentes *práticas sociais* realizadas pelos atores.

Segundo Fairclough (1992), a *prática discursiva* pode focalizar a recepção e as interpretações realizadas pelos leitores, buscando discutir a coerência, construções de sentido, as intenções ou força ilocucionária pertinentes e, ainda, explorar as diferentes vozes e posicionamentos ideológicos, voltando-se, assim, para percepções de caracteres de *intertextualidade* e de *interdiscursividade*.

Para propor investigações marcadas pela observação da *intertextualidade*, Fairclough (1992) retoma essa noção a partir dos estudos de Bakhtin (1981, 1986) e Kristeva (1986). O analista resgata que, para o pensador russo, todos os enunciados, sejam na forma oral ou escrita, seja em uma conversa informal ou em um artigo científico, são demarcados por alternâncias entre os seres interactantes e orientados por manifestações de falantes anteriores.

De *Marxismo e filosofia da linguagem* (1986), Fairclough (1992, p.134) valida as discussões sobre graus de alteridade, de consciência e afastamento, além das variáveis desses graus, dispostas em expressões de valores, as quais assimilamos, trabalhamos e reacentuamos através de práticas representativas, dialógicas e polifônicas.

Em empenho transdisciplinar, o propositor da ACD compõe diálogo entre as percepções bakhtinianas e as noções sobre luta hegemônica de Gramsci. Fairclough defende que o estudo da intertextualidade pode auxiliar no mapeamento de particularidades hegemônicas e dos processos de contestação e reestruturação de ordens discursivas (FAIRCLOUGH, 1992, p.125).

Sobre as percepções da filósofa búlgaro-francesa, Kristeva (1986), a ACD faz uso da perspectiva que entende os processos intertextuais como a inserção da história (sociedade) em um texto e deste texto na história.

As projeções histórico-sociais em unidades linguísticas diriam a respeito do controle que uma *prática particular* pode exercer sobre uma outra, sobre os textos subsequentes. E as inserções de textos na história corresponderiam às respostas, modalizações ou ratificações de práticas passadas, as quais podem ou não gerar mudanças e reestruturação de hierarquias macrossociais.

Para tratar da *interdiscursividade*, o analista britânico faz resgate, em um primeiro momento, das proposições iniciais de Pêcheux, filósofo francês e proponente da Análise do Discurso. Fairclough (1992, p.52) retoma a noção de *formação discursiva* (FD)<sup>98</sup> - aquilo que em uma determinada formação ideológica determina, o que pode e deve ser dito - e percebe a subjetividade da construção de sentido, associada ao posicionamento do sujeito-falante.

Também validando a noção de FD sob a ótica de Foucault, Fairclough (1992) valida o conceito althusseriano de *aparelhos ideológicos do estado* (AIEs). Nesse, o sujeito, sob a crença de ideais de liberdade, é identificado como ser submetido, diariamente, às formas de dominação ideológica do estado, as quais, efetivadas, viabilizam a reprodução de comportamentos, valores e crenças de dominação.

Sobre isso, Fairclough (1992, p.51-53) expõe que

a fonte principal da abordagem de Pêcheux na teoria social foi a teoria marxista de ideologia de Althusser (1971). Althusser enfatiza a autonomia relativa da ideologia da base econômica e a contribuição significativa da ideologia para a reprodução ou transformação das relações econômicas. Ele também argumentou que, longe de ser meramente ideias descorporificadas, a ideologia ocorre em formas materiais. [...] As FDs são posicionadas em complexos de FDs relacionadas referidas como interdiscurso, e os sentidos específicos de uma FD são determinados “de fora” por sua relação com outras no interdiscurso. O estado particular do interdiscurso em um momento particular (quais as FDs nele contidas e quais suas relações) depende do estado da luta ideológica em um AIE.

---

<sup>98</sup> Conforme registra Charaudeau e Maingueneau (2006, p.240-241), a noção de formação discursiva (FD) foi introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux no quadro da análise do discurso e, em função dessa dupla origem, tal noção conserva certa instabilidade. Na perspectiva foucaultiana, a FD está associada a sistemas de regras historicamente determinadas. Nos estudos do Pêcheux, a FD diz respeito às posições políticas e ideológicas, marcadas por antagonismos, alianças ou formas de dominação.

É após traçar esse percurso sobre a AD e seus diálogos com a filosofia foucaultiana e as noções marxistas de Althusser, que Fairclough (1992, p.29) defende a relevância do desenvolvimento de investigações interdiscursivas, preocupadas com as constituições dos textos e com as convenções sociais abarcadas nesses.

Assim, a partir de preocupações sobre delineamentos de gêneros, discursos, estilos e tipos de atividade, firma-se uma AD crítica que privilegia as *práticas particulares*, unidades de textos por exemplo, e suas respectivas *práticas discursivas*, procurando entender como aparatos ideológicos de hierarquias se projetam nos eventos protagonizados pelos falantes.

Nesse contexto, constituem-se diálogos entre tradições linguísticas e a análise etnometodológica para uma análise textual e discursiva, voltada para aspectos sociais ligados a formações ideológicas e formas de hegemonia.

Efetiva-se, assim, uma análise micro e macrossociológica, com características interpretativas, voltada para a identificação de circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e para a percepção de maneiras, estratégias, que moldam a natureza de uma *prática discursiva*.

## **A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)**

Em *An introduction to functional grammar*, Halliday e Matthiessen (2004, p.2) afirmam que o *texto* é um objeto, materialidade construída, um fenômeno social multifacetado, cujos significados podem ser explorados a partir de diferentes pontos de observação. Para esses autores, uma unidade semântica sustenta valores sociais que podem ser identificados na constituição léxico-gramatical.

Esses valores traduzem conceitos, relações ou princípios, questionados ou defendidos, oriundos de um contexto de produção; o qual pode ser educacional, literário, político, dentre outros. Dessa maneira, a noção de *contexto* da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) associa-se às experiências e às relações humanas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.27).

O produto ou parte significativa dessas experiências é o próprio *texto*, o registro. Sob essa ótica, as características semânticas, léxico-gramaticais, fonológicas e fonéticas de uma materialidade apontam para as instâncias envolvidas em uma interação e para as situações discursivas protagonizadas por essas.

Segundo a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), uma unidade textual é formada pelos seguintes elementos: oração, sintagma (grupo), palavra e morfema. A teoria hallidayana afirma

que, em relação à organização desses signos, não há arbitrariedade, como propõem os estudos saussurianos, mas as chamadas *escolhas realizacionais* motivadas.

Portanto, a construção do registro é feita a partir de seleções impetradas por um sujeito. Ou seja: a partir de objetivos, um falante pode se valer de diferentes combinações ou relações entre signos para organizar uma unidade processadora central.

Halliday e Matthiessen (2004, p. 10) discriminam como sistemas característicos de uma oração: o *tema*, o *modo* e a *transitividade*. E esses correspondem, respectivamente, à mensagem, à interação entre atores e à representação dos participantes envolvidos. Considerando a função e o significado das diversas produções sociais, essas categorias podem ser entendidas como constituintes dialógicos de três macroesferas linguístico-semânticas; as metafunções: *textual*, *interpessoal* e *ideacional*.

Nesse artigo, a transitividade, a análise dos sujeitos participantes dentro de uma esfera acional, será o nosso foco. Por nos preocuparmos com a linguagem como reflexão movida por interesses sociais e particulares, trataremos dos diferentes *processos* (ações) e de seus respectivos sujeitos. Isso será feito considerando as configurações linguístico-discursivas para a promoção do boato e o encobrimento dos participantes, mas especificamente das fontes jornalísticas.

### **A oração como representação: o sistema de transitividade**

Halliday e Matthiessen (2004, p.106) afirmam que as diferentes representações linguísticas de significado e interpretações da realidade se realizam dentro de um sistema de transitividade, o qual se distribui em tipos de *processos* (construções verbais), a partir de três elementos: o *participante*, ou grupo nominal, aquele que realiza a ação ou é afetado por ela; o *processo*, ou grupo verbal, que é a ação propriamente dita; e as *circunstâncias*, ou grupos opcionais como os adverbiais ou os preposicionais.

Esses gramáticos afirmam que há três tipos de *processos* principais: *material*, *mental* e *relacional* e três tipos de processos intermediários: *comportamental*, *verbal* e *existencial*. Os *processos materiais* relacionam-se às experiências externas, às ações no mundo físico; os *processos mentais* estão ligados às experiências do mundo interior, dos pensamentos e das emoções; e os *relacionais*, às relações de identificação e à classificação.

Os processos intermediários encontram-se na fronteira entre os principais. Os *comportamentais* encontram-se entre os *materiais* e os *mentais*, e dizem respeito às



manifestações externas do mundo interior. Os *verbais* são situados entre *processos mentais* e os *relacionais* e representam relações simbólicas exteriorizadas através da linguagem. Já os *existenciais*, como o próprio nome já indica, encontram-se no simples fenômeno da existência.

As unidades processuais, demonstradas no quadro a seguir, fazem referência aos mundos e aos contextos interacionais. Halliday e Matthiessen (2004, p.170) explicam que tais esferas estão relacionadas às nossas impressões mais poderosas, dizem respeito às experiências e são resultados de um fluxo de eventos ou de acontecimentos. Esse produto trata-se de um fragmentado de figuras, imagens de ação e de representações.

Essas, por sua vez, são sustentadas pela gramática da oração e podem evidenciar o: “acontecer”, “fazer”, “sentir”, “dizer”, “ser” e “ter”; figurações que consistem de um processo de desdobramento através do tempo e de um participante diretamente envolvido (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.170). Nesse contexto, todas as unidades linguísticas de composição podem ser validadas, até as circunstâncias processuais, como as de tempo e de espaço, são passíveis de identificação e, portanto, de estudo e de reflexão.

Todos os valores são classificados na gramática da oração. Assim, essa se firma como sequência significativa que revela, além de modo de ação de dar e de demandar informações, bens-e-serviços, modos de reflexão e de se impor a ordem em variações infinitas de diferentes fluxos de eventos. De forma objetiva, o Quadro 1 mostra os diferentes *processos* e os principais *participantes* do sistema de transitividade hallidayano.

**Quadro 1:** Resumo dos tipos de processos

Tipo de Processos	Categoria de significado	Participantes, diretamente envolvidos	Participantes, obliquamente envolvidos
Material: Ação Evento	Fazer Fazer Acontecer	Ator Objeto	Receptor, Cliente, Atingido, Iniciador, Atributo
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Comportamento
Mental: Percepção Afeição Cognição	Sentir Ver Sentir Saber	Experienciador Fenômeno	
Verbal	Dizer	Dizente Alvo	Recedor Verbiagem
Relacional	Ser/Estar Atribuir	Portador, Atributo Identificado, Identificador	Atribuidor, Beneficiário, Designador

Fonte:

Halliday e Matthiessen (2004, p.260)

Concernente à análise do “Minoritário”, nota objeto de estudo desse artigo, os constituintes ideacionais serão identificados para interpretações discursivas em orações comuns, mas também em *expansões* de *complexos oracionais*, outras estruturas de significação não-arbitrárias a serem especificadas a seguir.

### **Grupos, sintagmas e orações complexas**

O modelo gramatical proposto por Halliday e Matthiessen (2004) é dividido em duas partes. A primeira trata das três metafunções e a combinação entre essas macroestruturas sob a perspectiva da oração. E a segunda se volta para linguagem como expressão de relações lógicas estabelecidas a partir de unidades complexas, isto é: uma combinação de palavras sob uma base lógica e especial de relação.

Os *grupos* e *sintagmas*, as *orações complexas* e os *grupos* e *sintagmas complexos*, são os objetos de estudo e de análise do registro que permitem a realização de investigações

linguísticas sob uma perspectiva ampla que objetiva investigar constitutivos de materialidade acima, abaixo e além da unidade mínima de significação ou da própria oração.

Abaixo da oração, Halliday e Matthiessen (2004, p.310) propõe uma investigação atenta para a categoria *sintagma* e *grupo*. Os gramáticos especificam os seguintes grandes *grupos relacionais*: o *nominal*, o *verbal* e o *adverbial*; e ainda: o *preposicional* e o *conjuntivo*. O *grupo nominal*, comumente, pode desempenhar a função de sujeito ou de complemento. Ou seja: pode atuar, efetivamente, como os *participantes* do *sistema de transitividade*.

O *grupo verbal*, constituído por *processos*, assume a função de *finito + predicador*. O *grupo adverbial*, assim como o *preposicional* e o *conjuntivo*, evidenciam caracteres textuais que podem indicar circunstância e também modulações interpessoais.

Ao tratar das particularidades desses grupos, A GSF sustenta que “[...] o *sintagma* é diferente de um *grupo* na medida em que um *grupo* é uma expansão de uma palavra e o *sintagma* é a contração de uma *oração*.”<sup>99</sup>

O estudo dito acima da sentença trata da perspectiva lógico-semântica, mais especificamente do ponto de vista explorado durante a construção do evento e do desenvolvimento do texto em seus diferentes níveis de significação. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.362).

Segundo a GSF, uma narrativa, por exemplo, tem o seu fluxo de eventos construído por uma série de episódios. Cada um desses, por sua vez, traduz uma sequência de figuras (representações para AD) que são coordenadas e encadeadas em torno de significados e de relações temporais, eventos iniciais e eventos subsequentes, os quais são familiarizados pelos leitores, os sujeitos cercados de convenções e formalizações linguístico-discursivas socialmente legitimadas.

A partir do sistema de transitividade, definem-se dois tipos de relações correspondentes. A *projeção* concernente às orações verbais e mentais e a *expansão* que diz respeito às relacionais. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.367).

Tais formas são discriminadas, também, como relações lógico-semânticas sustentadas por elos que unem orações comuns e as transformam em complexas. A seguir, como sistematização didática, expomos o Quadro 2, releitura de “Projection and expansion manifested in clause and clause complex” de GSF.

---

<sup>99</sup> “[...] a phrase is different from a group in that, whereas a group is an expansion of a word, a phrase is a contraction of a clause.” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 311).

**Quadro 2:** Projeção e expansão manifestadas em orações e orações complexas

	Sentença		Sentença Complexa
	Tipo de processo	Tipo de circunstância	Tipo lógico-semântico
projeção	[verbal:] ele diz	[ângulo:] De acordo com ele (Isso é suficiente.)	[Locução de citação:] Ele disse que é suficiente
	[mental:] ele pensa	[ângulo:] Para ele (está quente demais)	[comunicação de idéia:] Ele acha que está quente demais
expansão	[relacional: intensivo]	[função:]	[elaboração:]
	[relacional: possessivo]	[acompanhamento:]	[extensão:]
	[relacional: circunstancial]	[localização, extensão, causa, maneira, etc.]	[intensificação:]

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p.368)

Nele, além das considerações já expostas, podemos *identificar o tipo de circunstância*, exemplos de expressões indicativas de conformidade, comumente utilizadas em *projeções* que traduzem a voz do sujeito e o ponto de vista desse. O Quadro 2 ainda faz referência às *expansões* indicadoras de informações subsidiárias como, por exemplo, de acompanhamento, de forma e de localização.

Referente à produção do texto jornalístico informativo, essas estruturas circunstanciais são extremamente participativas. Segundo Traquina (2005), elas respondem, no mínimo, a quatro das seis questões que impulsionam a redação do “lead” (texto introdutório): o “como”, o “onde”, “quando” e o “porquê” de um fato ou de um evento publicado. Ou seja: esses tipos de construções lógico-semânticas, embora não sejam a parte central de manchetes, são fundamentais à sustentabilidade da informação e à credibilidade da notícia.

## Minoritário

Em 24 de maio de 2012, a gerente de acompanhamento de emissores da BMeBovespa, Nilza Maria Silva de Oliveira, enviou um ofício de solicitação de esclarecimentos a Gustavo Henrique Santos de Souza, o gerente geral de relações com investidores do Banco do Brasil (BB).

O texto do pedia explicações sobre “Minoritário”, matéria publicada em 23 de maio de 2012 pelo *O Estadão*, versão eletrônica do jornal *O Estado de São Paulo*. Nessa, a jornalista Sônia Racy afirma que a instituição estatal poderia fazer proposta para comprar menos de 49% do banco espanhol Santander, desde que tal negócio envolvesse o grupo Votorantim.

Tal publicação apresenta o seguinte corpo de texto:

Minoritário - O Banco do Brasil resolveu ser mais light em sua tentativa de abocanhar o Santander Brasil – aproveitando que a situação da economia espanhola vai de mal a pior. Corre em Brasília que o BB pode fazer proposta para comprar menos de 49% do banco, desde que o negócio também envolva o Votorantim. Além de Robson Rocha, presidente do conselho da Previ, fala-se de Ivan de Sousa Monteiro, vice do BB e aliado a Aldemir Bendine, para a presidência do fundo no lugar de Ricardo Flores. A decisão deve se dar depois do dia 29, data da eleição direta para outros cargos. Em tempo: o novo estatuto da Previ estabelece que o presidente tem de ser funcionário da ativa do BB.<sup>100</sup>

“Minoritário” impactou o mercado de ações, gerou oscilações de valores e criou expectativas. A resposta a essa notícia, o comunicado ao mercado de 24 de maio de 2012, nega as pretensões de compra sugeridas por Racy e põe fim ao alarde que incomodou funcionários, investidores e consumidores das duas instituições.

A seguir, apresentamos o Quadro 3. Nesse, sistematizamos aspectos discursivos de “Minoritário”, citamos os constituintes da produção, da distribuição e do consumo da *prática particular* e dispomos, ainda, os *atores sociais* e a atuação das fontes, as orações que reproduzem as falas ou interpretações desses agentes.

### Quadro 3: Constituintes de Produção e Consumo

---

<sup>100</sup> RACY, S. “Minoritário”. *O Estadão - blog*, 23 maio 2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/sonia-racy/minoritario/>> Acesso: 20.03.14.

Título - data	"Minoritário " - 23/05/2012
Instância Produtora	Sônia Racy
Instância Receptora	Leitores-consumidores de <i>O Estado de São Paulo</i>
Veículo / Suporte	<i>O Estado de São Paulo - O estadão</i> [versão eletrônica]
Principais atores	Banco do Brasil, Santander
Fontes e Orações	
"Corre em Brasília que o BB pode fazer proposta [...]"	
"[...] fala-se de Ivan de Sousa Monteiro, vice do BB [...]"	

Os atores institucionais envolvidos no fato-tema, suposta compra ou a venda do Santander, são, além do banco espanhol, o BB, que seria o principal interessado, o grupo Votorantim e a Previ. Os demais *atores sociais*, indivíduos representados no texto de Racy, são os comissionados em exercício de função ou possíveis funcionários a serem indicados após finalização da transação. São eles: Ivan de Souza Monteiro, Robson Rocha, Aldemir Bendine e Ricardo Flores.

No que se refere às fontes e às suas declarações, a esfera jornalística de produção, como no caso da Cemig, omite seus contatos, optando, pelas construções: "Corre em Brasília que o BB pode fazer proposta [...]" e "[...] fala-se de Ivan Monteiro de Sousa, vice do BB [...]". Nessas, evidenciam-se fontes em total reserva. Portanto, o leitor não tem conhecimento de quem é o agente consultado e nem do contexto de atuação desse colaborador.

A seguir, expomos, em cadeias, essas contribuições das fontes de Racy e as analisamos.

(1)

Corre	em Brasília	que o BB pode fazer proposta para comprar 49% do banco
grupo verbal	grupo adverbial	grupo nominal [sentença encaixada "cabeça" de sentença nominal]
processo material	circunstância de lugar	ator
desde que o negócio também envolva o Votorantim.		
grupo adverbial		
expansão de intensificação [oração dependente de circunstância ]		

Em (1), há inversão da ordem direta. No *tema*, é reconhecido não um sujeito ator, mas o "fazer e acontecer", caractere de ação evidenciado no emprego de *processo material transformativo* "corre", constitutivo de sentença conotativa, de carga figurada, na qual o *participante*, ser que pratica a ação, é a informação "que o BB pode fazer proposta para comprar 49% do banco".

Nesse tipo de estrutura, validando o aspecto *interpessoal*, Halliday e Matthiessen (2004, p.155) afirmam que o sujeito é a própria *oração encaixada*. Os autores da GSF explicam que esse tipo de relação não diz respeito às construções táticas, mas a um mecanismo semiogênico que passa a funcionar como um constituinte dentro da estrutura de um grupo específico. Assim, o que ocorre, nesse caso, é um processo de personificação evidenciado em uma *nominalização* capaz de funcionar como cabeça de enunciado (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.426-427).

Semanticamente, os atores não-identificados de (1) são os responsáveis pela propagação em Brasília, a sede de poder do governo federal, do rumor sobre a venda do Santander: uma informação sobre a qual não se sabe “quem”, “quando” ou “como” foi gerada.

Construto complementar, “desde que o negócio também envolva o Votorantim”, é uma ressalva, uma oração dependente de circunstância que atua como *expansão de intensificação de condição*. De acordo com a GSF, a relação entre estruturas complexas, isto é: a ligação entre as orações, como ocorre em (1), firma-se tanto na estrutura, no aspecto linguístico, quanto no aspecto semântico, de significado (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 418).

Em relação a esse último, percebemos que a *expansão* em evidência é portadora de valor, da qualidade para se fazer acordo que, segundo Racy, seria imprescindível à proposta de investimento em pauta.

Distanciando-se dos aspectos organizacionais comuns à notícia, “Minoritário”, em detrimento à objetividade, ao registro ou ao tratamento de fatos, prioriza um outro tipo de relato: o da perspectiva. Racy opta por descrever um cenário futuro, identificando as consequências, postos e sujeitos que seriam institucionalmente rearranjados, caso a venda do banco espanhol fosse, enfim, concretizada.

Dessa maneira, em um mundo de prováveis acontecimentos, o que se firma, em meio à citação de dados, nomes de executivos e de autarquias, é uma especulação jornalística; a qual é visivelmente instaurada em (1) e ratificada em (2) a seguir.

(2)

Além de Robson Rocha, presidente da Previ	fala-se
grupo nominal	grupo verbal
adjunto conjuntivo de intensificação (+) identificação relacional	processo verbal (+) dizente
de Ivan de Sousa Monteiro, vice presidente do BB [...] para a presidência do fundo no lugar de Ricardo Flores.	
grupo nominal	
alvo	

Em (2), o *dizente* que corresponde ao *processo verbal* “falar” pode ser qualquer pessoa que esteja inteirada sobre assunto ou um mero especulador do tema. Essa não-identificação do falante, o uso de atribuição com reserva total, contribui, mais uma vez, para a informalidade da produção; abdicando-se, assim, da precisão; o que, segundo Traquina (2005, p.142), significa, de certa forma, abrir mão da legitimidade da notícia.

Evidenciamos, assim, um *grupo verbal*, marcado pela associação entre o *processo verbal* “fala” e o *dizente* “ele”, substituído, na sentença, pela partícula pronominal equivalente “se”. Na oração em análise, o *tema* é formado por uma *extensão de intensificação* marcada por *elemento conjuntivo de adição*, “Além de Robson Rocha”. Essa construção é seguida pelo termo qualificador, identificação de caráter *relacional*, “presidente da Previ”.

Voltado para os *atores sociais* envolvidos na esfera de poder, entendemos que esse conjunto de *escolhas realizacionais* destaca uma preocupação para com a hierarquia política e funcional das instituições citadas. Assim, se por um lado, Racy omite dados referentes às suas fontes, por um outro, ela registra, em *alvo*, dados específicos dos atores envolvidos com a estrutura organizacional da Previ. São listados nomes, sobrenomes e cargos de indivíduos cogitados para exercício da presidência de tal instituição, como resultado provável da suposta fusão.

Essa configuração é sustentada a partir de estruturas de caráter *relacional* como “vice do BB e aliado a Aldemir Bendine”, qualificador do sujeito-ator citado no *alvo* “de Ivan de Sousa Monteiro”, informação, então, divulgada pelo *dizente* do complexo oracional em análise, “ele” ou “ela”.

O termo disposto em sequência “para a presidência do fundo no lugar de Ricardo Flores” trata-se de *circunstância de intensificação* e revela localização de lugar. Essa discrimina *status*, hierarquia funcional e possível disputa pelo poder entre Robson Rocha e Ivan de Sousa Monteiro.

Uma avaliação moral também é disposta como estratégia discursiva de *legitimação* em “Minoritário”. A oração *tema* “O Banco do Brasil resolveu ser mais light na sua tentativa de abocanhar o Santander” é construída em torno do *processo mental* de ordem cognitiva “resolveu”. Entretanto, a carga relacional do enunciado se faz presente em “ser mais light”, organização que evidencia o empoderamento do BB frente à outra instituição financeira em destaque, o Santander.



A *oração de intensificação não-finita*, construto reduzido por gerúndio, “aproveitando que a situação da economia espanhola vai de mal a pior”, também apresenta caráter relacional, expõe avaliação negativa e faz alusão à crise espanhola de 2012.

Assim, a estatal brasileira é sugerida como instituição que “pode estar” ou “está” se aproveitando da suposta derrocada do país europeu. Isso é evidenciado pelo emprego do jargão popular, *circunstância atributiva* indicativa de desempenho em escala descendente, “vai de mal a pior”.

### O “estouro” do boato

Em meio a um cenário de ansiedade e expectativas, o ofício da CVM/SEP/GEA-1443/2012 é encaminhado ao banco brasileiro. O documento solicita esclarecimentos sobre o fato publicado pela mídia. Em resposta, o BB se manifesta. Nele, consta-se o registro: “[...] informamos, a respeito da notícia veiculada na imprensa sobre a aquisição de participação acionária do Banco Santander Brasil, que o Banco do Brasil não se encontra em negociações dessa natureza [...]”<sup>101</sup>.

Após fazer referência ao texto transcrito no comunicado, a resposta do BB se desenvolve em torno do *processo verbal* “informamos”, no qual é evidente o *dizente*, em elipse, “nós”. Como valor representativo, esse pronome pessoal em 1ª pessoa do plural implica na projeção da voz institucionalizada do BB, assumida e proferida pelo gerente geral de relações com investidores Gustavo de Sousa.

Enfático, evidencia-se o emprego de *projeção hipotática*, discurso indireto. O *processo* de tal organização é antecedido pelo *adjunto de polaridade* “não”. Nesse contexto, “[...] em negociações dessa natureza” é a *circunstância* de valor atributivo em relação ao *participante* “Banco do Brasil” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 216).

A resposta da instituição é finalizada com uma *oração hipotática de intensificação* impulsionada pela composição verbal *não-finita* de caráter relacional “tendo sido [...] negada” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 420). Essa aponta para uma relação lógico-semântica de *causa-razão*, estabelecida para com oração que a antecede.

---

<sup>101</sup> BANCO DO BRASIL S.A. “Esclarecimentos sobre consultas CVM/BOVESPA”, comunicado ao mercado. Ofício/CVM/SEP/GEA-1/443. 25/05/2012. Disponível em: <http://www.econoinfo.com.br /comunicados/ BRASIL / Esclarecimentos-Solicitados-pela-CVM / 888691597271 ? p = 1> > Acesso: 24/03/2014.

## Conclusão

Ao considerar o percurso da prática social, verificamos, neste artigo, a seguinte trajetória: a veiculação de “Minoritário” em “O Estadão”, a propagação do suposto boato, o impacto desse no mercado financeiro, a intervenção da CVM (Comissão de Valores Mobiliários), a divulgação de esclarecimento do Banco do Brasil e, por fim, o “estouro” da notícia.

Nessa perspectiva, segundo a análise linguístico-discursiva realizada, o que pareceu estar em jogo não é a falência ou a compra e a venda de minoritários, mas a reafirmação de hierarquias institucionais internas. Essas, segundo Fairclough (1992, 2003), empoderam determinadas companhias, ou sujeitos, em detrimento de outros papéis ou identidades.

Não é fato novo a identificação do boato financeiro como instrumento para desestabilizar crenças, representações e pessoas. Entretanto, a observação desse fenômeno, a partir da ótica dos estudos da linguagem é a contribuição dada por esse artigo.

No desenvolvimento desse, o que impacta é o uso da mídia informativa, a utilização da imprensa, veículo de informação de alta credibilidade, para propagar especulações configuradas a partir de escolhas realizacionais que se traduzem em apagamento das fontes jornalísticas, através *orações encaixadas*, representações figurativas (coloquialidades) e de sentenças em voz passiva.

Para teóricos como Traquina (2005), o acobertamento de fontes é uma estratégia comum do jornalismo notícia. Entretanto, em casos como o de “Minoritário”, esse apagamento de sujeitos sugere a veiculação de informação privilegiada, o que é ilegal segundo as normas da autarquia reguladora do mercado financeiro brasileiro: a Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Por fim, na prática, a partir das organizações de caráter ideacional-relacional, a fusão cogitada em “Minoritário”, entre os bancos do Brasil e Santander, embora venha evidenciar possível crescimento significativo da estatal brasileira, teria, apenas, caráter facilitador, não-produtivo. Ela não se traduziria em compromisso para com a geração de novos cargos ou postos de atuação, mas geraria uma “dança das cadeiras” em que postos e cargos seriam substituídos pelos sujeitos-agentes indicados na nota de Sônia Racy de “O Estadão”.

## Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BANCO DO BRASIL S.A. “Esclarecimentos sobre consultas CVM/BOVESPA”, comunicado ao mercado. **Ofício**. CVM/SEP/GEA-1/443. 25/05/2012. Disponível em: < <http://www.econoinfo.com.br/comunicados/BRASIL/Esclarecimentos-Solicitados-pela-CVM/888691597271?p=1> > Acesso: 24/03/2015.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004, p.240-241.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: the critical study of language**. 3. ed. London; New York: Longman, 1988.

\_\_\_\_\_. **Discourse and social change**. London: Cambridge Polity Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Language and power**. 10<sup>a</sup> ed. London; New York: Longman, 1996.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. London: Corgfield East, Edward Arnold, 2004.

IASBECK, L. Os boatos além e aquém da notícia: versões não-autorizadas da realidade. **Lumina**, Juiz de Fora: UFJF, v. 03, n° 02, p. 11 - 26, jul./dez. 2000.

KAPFERER, J. **Boatos: o meio de comunicação mais velho do mundo**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

MÜLLER, L. “Caminhos e sentidos da informação no mercado de ações”. **Política e sociedade**. v.6, 2005, pp. 133-164.

RACY, S. “Minoritário”. **O estado de São Paulo**. São Paulo, 23 mai. 2012. Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/sonia-racy/minoritario/> > Acesso em: 20 de maio de 2012.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. v. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.